



Mundo Mulher: a inserção da voz feminina no rádio universitário capixaba¹

Caroline Amantino CSASZAR²

Fernanda Santana GOMES³

Laiz Ariana Farias Fidalgo PEREIRA⁴

Marianna Ferreira GUIMARÃES⁵

Gilda Soares MIRANDA⁶

(Centro Universitário Vila Velha, Vila Velha, ES)

RESUMO

Este artigo busca lançar uma reflexão sobre a produção radiojornalística do programa Mundo Mulher, veiculado na Rádio Poste do Centro Universitário Vila Velha (UVV), em Vila Velha (ES). Fruto de estudos acerca do espaço ocupado pela mulher na sociedade contemporânea, o presente trabalho recorre a uma abordagem histórica, incluindo a explosão de alguns movimentos sociais e o surgimento de uma nova forma de pensar as questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: “Mundo Mulher”; gênero; rádio.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma série de estudos sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, que fundamentaram a produção de três edições do programa radiofônico intitulado “Mundo Mulher”, veiculado na Rádio Poste do Centro Universitário Vila Velha (UVV). Com a essência de um programa produzido por mulheres, de mulheres e destinado, fundamentalmente, para mulheres, a definição das pautas foi baseada nas questões complexas e polêmicas que envolvem o universo feminino e as suas relações sociais.

A vinheta que compõe a abertura do programa (Mundo Mulher: o universo feminino ganha a sua voz) prenuncia a tentativa de, por meio do veículo rádio, dar voz às mulheres. Neste

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Programa Laboratorial de Radiojornalismo em série.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre de Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, e-mail: carolcsazar@hotmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, e-mail: fernandasg88@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, e-mail: laizfidalgo@gmail.com.

⁵ Estudante do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, e-mail: mariannafguimaraes@gmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professora Ms. do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, e-mail: gildasmiranda@yahoo.com.br.



contexto, Maria Cristina Mata (1997, p. 13) ratifica essa ideia, ao afirmar que, segundo diversos estudos realizados sobre as rádios populares latino-americanas, “as mulheres reconhecem nelas um meio que ajuda a perder o medo de falar”.

Esse medo justifica-se historicamente na figura de mulheres que sempre foram privadas do direito de voz e subjugadas a uma condição de obediência ao homem. Instaura-se, então, uma conflituosa relação entre os sexos, que mais tarde resultaria em uma série de manifestações, dentre as quais ganharam força os movimentos feministas de meados do século XX. É, nesse cenário, que as problemáticas relacionadas às diferenças sexuais ganham maior dimensão.

Gênero, conforme elucida Denise Pasello Valente Novais (2005), vem do latim *genus* e faz menção às relações entre homens e mulheres para além das determinações biológicas, pois estas também perpassam por toda uma construção cultural. Por meio do entendimento da noção de gênero, é possível inferir, portanto, que as diferenças estão abrigadas muito mais no plano simbólico do que, efetivamente, nas características físicas, o que implica também relações de poder.

Essas, por sua vez, podem ser exemplificadas na divisão do trabalho estabelecida desde as chamadas sociedades primitivas. Embora em algumas civilizações as mulheres tenham conquistado algum destaque, como em Creta, onde elas ocupavam o papel principal nas cerimônias religiosas, como sacerdotisas, o acesso da mulher ao saber continuava restrito. A figura feminina também perde parte de sua relevância a partir do século XIX, quando começa a dividir com os homens algumas atividades desempenhadas antes somente em casa por elas (tecido, materiais preciosos, cerveja e vela), que passam a integrar o sistema fabril (BARROS, 1995, p. 28).

Paradoxalmente, esse mesmo processo industrial é o que impulsionará a sua independência financeira em relação ao homem, ainda que a custo de muita desigualdade, inclusive, a salarial. Ao longo dos anos e, em especial, a partir do século XIX, esforços vêm sendo empreendidos com vistas a transformar essa realidade. Por isso, torna-se imprescindível lançar mão do princípio da igualdade, que, fundamentado nas Grandes Revoluções Liberais, com o advento das Declarações de Direitos Fundamentais do século XVIII, estabelecia que, de modo algum, a diferença poderia ser entendida como desigualdade. Essa nova forma de



concepção admitia que todos os homens fossem iguais, independente de gênero, origem social, idade e crença (NOVAIS, 2005, p. 24-25).

Mas, mesmo hoje, “apesar de todo o avanço alcançado, ainda percebe-se a presença da dominação masculina em quase todos os campos das relações sociais” (SILVA, 2009, p. 20). Pode-se constatar, por exemplo, que, no Espírito Santo, ao menos nas frequências mais populares, não há veiculações radiojornalísticas informativas e de entretenimento voltadas especificamente para o público feminino.

Sendo assim, levando em conta “a importância que as rádios populares dão aos processos organizativos de base e à sua autodefinição como canais para difusão e fortalecimento de experiências coletivas” (MATA, 1997, p. 14), surge a proposta do “Mundo Mulher”.

2 OBJETIVO

A premissa do programa “Mundo Mulher” é, aproveitando o rádio como importante fonte didática e de informação, produzir conhecimento, a partir da abordagem das grandes questões pertinentes à mulher e dos principais acontecimentos da vida pública. A intenção do programa é dar voz às mulheres, para que possam discutir, questionar e fazer críticas acerca dos diversos assuntos.

Para isso, buscou-se criar um espaço em que a mulher pudesse compartilhar experiências e adquirir um aprendizado que pudesse ser levado para sua vivência pessoal e seu convívio em sociedade.

A pretensão inicial foi atingir o público universitário, incluindo alunos, professores, funcionários e demais pessoas ligadas à instituição, tendo em vista que a programação é veiculada na Rádio Poste UVV, rádio interna do *campus* de Boa Vista.

3 JUSTIFICATIVA

O papel da mulher na sociedade esteve por muito tempo associado somente às atividades do lar. No período do Brasil colônia, as mulheres sequer aprendiam a ler, sendo privadas de estudo, oferecido pela Igreja, que, por sua vez, pregava a obediência não só ao pai e ao



marido, mas também à religião. Submetida às normas sociais e “divinas”, cabia à figura feminina a total exclusividade ao lar, desempenhando atividades como cuidar do marido e dos filhos.

A mulher está, assim, presa à família e a tudo que ela simboliza em termos de valores: o mito da mulher-mãe e da esposa submissa, voltada para o mundo interno da casa e cercada de uma série de qualificativos que definem um padrão ideal da mulher. A dominação do homem sobre a mulher, no entanto, não se restringiu aos limites domésticos, influenciando também nas suas mais diversas relações sociais.

Esses posicionamentos refletem uma estrutura cultural arraigada de estereótipos sexistas, que atribuem à mulher apenas o “papel” secular de mãe e dona de casa, fortalecendo o mito da fragilidade feminina e o preconceito do homem, no tocante às atividades familiares e domésticas (BARROS, 1995, p. 478).

Somente depois de muitas lutas e movimentos feministas, elas conseguiram conquistar um espaço digno na sociedade. Havia surgido anteriormente, na França e em alguns países, movimentos isolados de contestação que exigiam a igualdade entre os sexos. Todavia, foi somente a partir dos anos 1960 que o feminismo ganhou força e, então, começava a nascer uma nova forma de pensar a figura da mulher.

Um grande marco na luta feminina pelo seu espaço foi o episódio em que mulheres, em 1960, queimaram seus sutiãs em praça pública como forma expressiva de repúdio ao tratamento desigual em relação aos homens, e ao modelo falocêntrico de se conceber a História e os destinos da humanidade. Essas reivindicações foram ganhando força ao longo do tempo.

Nas décadas de 1960 e 1970 a castidade e a virgindade são desmistificadas pela reivindicação de liberação do corpo feminino para a vivência do prazer de forma desvinculada da reprodução. Os contraceptivos tornaram possível essa revolução sexual que lançou novas bases para a relação das mulheres com o próprio corpo, com a sexualidade e com a maternidade que deixa de ser para as mulheres uma fatalidade da vida sexual para tornar-se uma possibilidade. Vivenciava-se, assim, uma emergente liberação de um potencial de desejo reprimido pela cultura de contenção e controle da sexualidade feminina, rompendo-se com tabus, contra os quais as autoras anarco-sindicalistas já investiam na década de 1920 (ROCHA, [s.d], p. 03).



Observando a necessidade de atender às novas necessidades da mulher moderna, que anseia por informação e conhecimento, e a importância de se ampliar os espaços de discussão destinados a esse público, surgiu o programa “Mundo Mulher”.

Mas, por que escolher o veículo rádio como forma de disseminação de assuntos atrelados ao mundo feminino? São inúmeros os produtos jornalísticos voltados exclusivamente para as mulheres. Mas, como destacam Maria Helena Hermosilla, Fresia Camacho e Maria Cristina Mata (1997), ainda que o tempo de audição de rádio pelas mulheres seja similar ao dos homens, é notória a ausência de programações radiojornalísticas pensadas especialmente para este segmento de público. “As mulheres consomem rádio, e muito.” (HERMOSILLA, CAMACHO, MATA, 1997, p. 33). Elas buscam informação, entretenimento, educação e, até mesmo, companhia. Considerando toda essa trajetória feminina, o Mundo Mulher assume, pois, um verdadeiro desafio.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Com base nos estudos e discussões levantadas ao longo da disciplina de teorias e práticas em radiojornalismo em que foi desenvolvido o Mundo Mulher, recorreremos, a partir de agora, a um passo-a-passo para explicar o surgimento e a construção do programa. Em primeiro lugar, empreendemos uma ampla pesquisa sobre o veículo rádio, sua história e relevância para a transmissão da notícia e da informação, focando no fazer radiojornalístico. Isso foi o que nos deu subsídio para identificarmos a linguagem a ser empregada, a forma textual que pudesse levar a mensagem com maior clareza e objetividade, facilitando o entendimento por parte do ouvinte, além de muitos outros aprendizados técnicos, por exemplo, o recurso da edição.

A partir de então, começou efetivamente a produção: definição de pautas, contatos com as fontes, levantamento de informações, dados e estatísticas. Era hora, então, de ir pra rua e começar a gravação de enquetes e entrevistas, estas últimas também feitas por telefone, em alguns casos. Colhido o material e ouvidas as fontes necessárias, o desafio era editar todo o vasto material no relativo curto espaço de 20 minutos (tempo média dos programas veiculados na Rádio Poste), buscando minimizar a perda de informações e focando o enlace das ideias que permitisse transmitir, de forma coerente, clara e objetiva a mensagem para o ouvinte.



Com o objetivo de estar antenado no que pensa o público universitário e estabelecer uma forma de participação direta e interativa do ouvinte, o Mundo Mulher priorizou a produção de enquetes, acreditando ser esta uma ferramenta de dinamismo e que torna o programa mais leve, descontraído. “É um novo papel que implica tanto a fala direta desses novos sujeitos como a sua representação no discurso público, quer dizer: sua incorporação como atores de uma realidade construída pelo seu sentir e seu pensar” (MATA, 1997, p. 13).

Durante a produção de cada programa, o Mundo Mulher foi a campo escutar os ouvintes. Eles puderam tirar suas dúvidas, fazer perguntas, sugestões e reclamações acerca dos temas abordados. A enquete serviu como uma espécie de desabafo, pois concedeu voz às mulheres, fazendo com que pudessem ouvir e ser ouvidas. Essa relação interlocutor e ouvinte foi o ponto-chave do Mundo Mulher e o toque certo para que o programa se tornasse fiel à proposta de fazer o universo feminino ganhar a sua voz.

Além disso, junto ao nome do programa verificou-se a necessidade de uma vinheta que englobasse, direta ou indiretamente, todos os aspectos característicos do “Mundo Mulher”. Assim, para esta vinheta, foi utilizada a música *Maria Maria*, de Milton Nascimento e Fernando Brant, na voz de Elis Regina. Por ser uma música forte, que destaca a garra em harmonia com a sensibilidade da mulher, a música se adequa perfeitamente à proposta do programa, destinado às mulheres que tem um ritmo de vida acelerado, que buscam informação rápida e objetiva, mas, que ao mesmo tempo, lhe seja capaz de oferecer entretenimento.

Associamos uma música a uma determinada imagem e a um movimento afetivo porque imagens semelhantes já foram sugeridas por ritmos, melodias e harmonias semelhantes anteriormente. E como a música é a linguagem da emoção, ela conota uma relação afetiva com o ouvinte (BALSEBRE, apud MEDITSCH, 2005, p. 333).

Um trecho instrumental de *Maria Maria* e outro excerto que lembra um grito de luta foram selecionados para vinheta. Entre eles, vozes femininas expressam com vivacidade o nome do programa e levam o ouvinte a sentir uma espécie de união, força e coragem. Em seguida, a frase “O Universo Feminino ganha a sua voz”, dita em uma única voz, ecoa como se ganhasse um espaço, ao mesmo tempo em que ganha também a voz do ouvinte.



5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como supracitado, o programa Mundo Mulher foi veiculado na Rádio Poste UVV, rádio interna da faculdade, e transmitido nos intervalos das aulas: matutino, vespertino e noturno. Uma série de três programas foi produzida durante o primeiro e o segundo semestre de 2009. O tema escolhido para cada edição foi pensado a partir de questões polêmicas que envolvem a mulher atual, como estética, saúde e mercado de trabalho.

No primeiro programa do total das três edições produzidas, o assunto discutido foi a TPM, Tensão Pré-Menstrual. O objetivo era identificar até que ponto esse distúrbio pode interferir nas relações sociais e afetivas da mulher. Para aprofundar um pouco mais nos sintomas e formas de controle da TPM, utilizamos como fonte a ginecologista Maria Angélica Belonia e, inclusive, criamos mais interatividade ao permitir que os próprios ouvintes fizessem questionamentos à especialista⁷.

A segunda edição do programa debateu uma questão que, nos últimos anos, vem sendo pauta de grandes discussões: a entrada da mulher no mercado de trabalho, em especial em profissões anteriormente consideradas como masculinas. A personagem ouvida foi uma mulher que seguia a carreira militar e fazia o curso de Gestão Portuária, ambas as áreas ainda predominadas por homem. Ela pôde dar dicas de como enfrentar preconceitos e deu um depoimento de sua vivência. Também recorremos a uma especialista em Recursos Humanos para fazer uma análise do mercado de trabalho, dando dicas de como crescer profissionalmente.

No último programa produzido, o assunto abordado foi a cirurgia plástica. Percebendo uma busca cada vez maior das mulheres por um corpo perfeito, surgiu a necessidade de esclarecer alguns pontos sobre o tema e dar dicas de cuidados em relação a esses procedimentos, como forma de alertar a mulher na hora da escolha da cirurgia estética. Quem esclareceu as dúvidas sobre o assunto foi o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, Dr José Renato Harb. Além dele, o advogado Hahnemann Costa, que atende casos de complicações cirúrgicas, também pôde colaborar com o programa “Mundo Mulher”.

⁷ Alguns alunos foram ouvidos no *campus* da UVV e questionados sobre suas principais dúvidas com relação à TPM. Essas dúvidas foram levadas para a entrevista com a médica, que respondeu às questões colocadas.

6 CONSIDERAÇÕES

Elaborar um programa específico para o gênero feminino, como o “Mundo Mulher”, foi uma forma de reforçar as produções voltadas para discutir questões pertinentes ao universo feminino. Mais do que isso, o “Mundo Mulher” se propôs a ajudar a mulher contemporânea a entender melhor a si mesma, o seu corpo e o mundo em que ela vive, de forma a estabelecer, por meio do rádio, uma conexão mulher-sociedade, contextualizando-a na realidade atual em relação aos gêneros.

A experiência do trabalho foi enriquecedora, pois permitiu não só o contato com a técnica do radiojornalismo, mas também grande aquisição de conhecimento, fruto de muitos debates e pesquisas. Até chegar ao resultado final, foi necessário todo um processo, que envolveu desde a definição da pauta, passando pela produção, apuração, os trabalhos de campo, até chegar à edição.

Além disso, outro ponto que, a cada edição, motivou o trabalho do grupo envolvido na produção do “Mundo Mulher” foi a interatividade com os ouvintes (alunos, professores e funcionários da instituição) por meio de enquetes. Apesar de um certo receio inicial dos entrevistados em falar para uma rádio que é transmitida diariamente para toda a comunidade acadêmica, foi observado grande interesse em participar, dar sua opinião, fazer uma crítica, contribuir com um questionamento e até mesmo desabafar. Percebe-se, portanto, que depois de muitos movimentos sociais, a mulher permanece na luta, em busca de fazer o universo feminino ganhar sua voz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MATA, M; HERMOSILLA, M. E.; CAMACHO, F. C. In: MATA, Maria Cristina da (Coord.). **Mulher e rádio popular**. São Paulo: Paulinas, 1998.

NOVAIS, Denise Pasello Valente. **Discriminação da Mulher e Direito do trabalho: da proteção à promoção da igualdade**. São Paulo: Ed. LTr 2005.

BARROS, Alice Monteiro de. **A mulher e o direito do trabalho**. São Paulo: Ed. LTr, 1995.

SILVA, Leila Vaz da. **Comprometimento Organizacional e Gênero: estudo comparativo no segmento da construção civil na região metropolitana de Belo Horizonte**. Disponível



em: http://www.unihorizontes.br/novosite/banco_dissertacoes/160820092046108794.pdf.
Acesso em: 12 set. 2009.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. **Feminismo, relações de gênero e subjetividades.** Disponível em:
http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/O/Olivia_Candeia_Lima_Rocha_33.pdf. Acesso em: 08 set. 2009.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDISTCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2005.

ESTRELLA, Hernani. **Direitos da mulher.** [S.l.]: Ed. José Konfino, 1975.